I SEMINÁRIO INTERNACIONAL
VII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
IX SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA
17 a 20 setembro 2025
Políticas Públicas Educacionais no contexto da América Latina: desafios, resistências e perspectivas
Departamento de Educação DEDC-CAMPUS XII Guanambi
UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
NUPE Núcleo de Pesquisa e Extensão
PPGEduF Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente

ENTRE A PRECARIZAÇÃO E O COMPROMISSO: A FORÇA SILENCIOSA DE QUEM EDUCA

Thalisson Caio Ribeiro Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Guanambi, BA, Brasil
caiothalisson66@gmail.com

Carlos Daniel Souza Oliveira
Secretaria Municipal de Educação, Guanambi, BA, Brasil
calosdaniel@edu.guanambi.ba.gov.br

EIXO 6: POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA, SAÚDE E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PROFISSÃO DOCENTE

Resumo

Este relato reúne as experiências e percepções de um estudante da rede pública municipal de Guanambi–BA, que sonha em ser professor, e de um docente que acompanhou parte de sua trajetória. A narrativa evidência como vivências escolares, especialmente em contextos de precarização da educação, podem despertar vocações e fortalecer vínculos significativos. Um dos marcos dessa história foi a participação do estudante em uma equipe de robótica, onde desenvolveu habilidades técnicas, colaborativas e socioemocionais, amparado por professores que, além de transmitir conhecimento, cultivavam cuidado e escuta. Ao longo do tempo, o estudante passou a compreender a realidade da docência no Brasil: sobrecarga de trabalho, baixos salários, falta de infraestrutura e desvalorização simbólica. Essa percepção não gerou desencanto, mas reforçou o desejo de seguir a profissão, motivado pelo exemplo de educadores que, mesmo diante de adversidades, mantêm compromisso ético e formativo. O professor, por sua vez, reconhece o valor de acompanhar transformações tão significativas na vida dos alunos e ressalta que esses vínculos dão sentido à prática docente. A narrativa também problematiza o imaginário social que desvaloriza a profissão, questionando a lógica de mercado que mede o valor humano pelo retorno financeiro. Ao articular duas perspectivas, a de quem aprende e a de quem ensina, o texto reafirma que ser professor, no Brasil contemporâneo, é um ato de resistência e esperança crítica. É acreditar no potencial de transformação da educação e persistir, mesmo quando as condições materiais e políticas são desfavoráveis.

Palavras-chave: Docência; Educação pública; Precarização; Resistência; Transformação.

1. Introdução

Desde a infância, a escola constituiu-se como um espaço central em nossas vidas, não apenas para a aquisição de conhecimentos formais, mas também como ambiente de transformação pessoal e social. Este relato, construído a partir de duas vozes a de um estudante da rede pública municipal de Guanambi (BA), que sonha em tornar-se professor, e a de um docente que acompanhou parte dessa trajetória, busca evidenciar como as experiências vividas

no cotidiano escolar podem influenciar escolhas profissionais e formar vínculos significativos, mesmo em contextos de desvalorização da docência.

Uma das vivências mais significativas narradas pelo estudante foi a participação em uma equipe de robótica no ensino fundamental, projeto estruturado que possibilitou o contato com o universo da tecnologia, da criatividade e do trabalho colaborativo. Mais do que desenvolver competências técnicas, essa experiência fortaleceu sua autoestima e revelou habilidades até então desconhecidas. Contudo, os principais aprendizados não vieram dos robôs e sensores, mas das pessoas que orientavam o projeto. Técnicos e professores acompanhavam o grupo com paciência, atenção e respeito, promovendo uma relação pedagógica que ultrapassava a dimensão estritamente técnica e se aproximava da formação humana (FREIRE, 1996).

Nesse percurso, outros docentes também marcaram de forma profunda a trajetória do estudante. Entre eles, destaca-se a professora de Língua Portuguesa, cuja prática pedagógica não se restringia à transmissão de conteúdos, mas incluía reflexões sobre o papel transformador da educação e diálogos individuais sobre sonhos e projetos de vida. Esses gestos de escuta e incentivo contribuíram para que o estudante percebesse o potencial da educação como instrumento de mudança, ecoando a perspectiva de Arroyo (2013) ao reconhecer que as trajetórias escolares são marcadas por encontros capazes de ressignificar identidades.

A observação atenta da realidade escolar permitiu ao estudante compreender, com o tempo, os desafios que seus professores enfrentam: múltiplas turmas, sobrecarga de trabalho, baixos salários e limitado reconhecimento social. Esse cenário é corroborado por dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2022), que apontam o Brasil entre os países que menos valorizam seus docentes, e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2021), que indica que mais de 60% dos professores da rede pública apresentam sintomas de esgotamento mental. Apesar disso, muitos permanecem comprometidos com a missão de educar, demonstrando, na prática, o que Saviani (2009) descreve como resistência pedagógica: a manutenção do compromisso ético e formativo mesmo em contextos adversos.

Por essa razão, este relato pretende refletir sobre o papel fundamental de professores e professoras que, apesar da precarização e do desgaste profissional, seguem acolhendo,

inspirando e formando novas gerações. Ao articular a narrativa pessoal do estudante com as percepções do professor, busca-se mostrar que ser educador, no Brasil contemporâneo, é um ato de coragem, de fé no outro e de construção de futuros possíveis.

Para sustentar teoricamente a narrativa, foram selecionadas referências de autores clássicos, como Freire, Saviani e Arroyo, bem como dados atualizados de instituições de pesquisa e organismos internacionais (CNTE, OCDE, OIT, FCC). A escolha dessas fontes seguiu o critério de relevância direta com a discussão sobre precarização docente, valorização simbólica e políticas de assistência, garantindo fundamentação sólida ao relato.

2. Caminhos da experiência vivida

2.1. A realidade que nos (re)constrói

Para organizar a experiência relatada, optou-se por estruturar a narrativa em três eixos principais: (1) vivências do estudante na rede pública e em projetos de formação, como a robótica; (2) percepções docentes sobre vínculos, resistências e práticas pedagógicas; e (3) discussão sobre a precarização material e simbólica do trabalho docente. Essa categorização possibilitou dar visibilidade tanto aos aspectos subjetivos das trajetórias quanto às condições objetivas da profissão.

Este relato parte de vivências concretas na rede municipal de Guanambi - Bahia, envolvendo um estudante e um professor que compartilham não apenas o cotidiano escolar, mas também reflexões sobre o papel transformador da docência mesmo em contextos de desvalorização. A partir de dois olhares, o de quem aprende e o de quem ensina, busca-se discutir como a prática pedagógica pode resistir à precarização e, ainda assim, produzir sentido, vínculo e futuro.

O espaço escolar em questão apresenta características comuns à realidade de muitas escolas brasileiras: infraestrutura limitada, ausência de recursos tecnológicos, turmas numerosas e condições adversas para o exercício pleno do trabalho docente. Essa realidade escancara o processo de precarização estrutural do magistério, cujas raízes, como aponta Saviani (2009), estão historicamente ligadas à forma como o Estado brasileiro constituiu a escola pública como espaço de compensação social, e não de formação plena.

No entanto, é também nesse cenário que emergem práticas de cuidado e escuta, gestos pedagógicos que vão além do currículo prescrito e que revelam o compromisso ético dos professores com a formação humana de seus estudantes. A escola, ainda que marcada por desafios, torna-se também um território de afeto e resistência. Como afirma Freire (1996), "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos", e é justamente no reconhecimento da dignidade do outro que a prática docente se torna potente, mesmo quando a estrutura é hostil.

Do ponto de vista do estudante, a escola inicialmente era percebida como uma obrigação, um espaço onde se cumpre horário e se fazem provas. No entanto, com o passar do tempo e a convivência com professores que demonstravam respeito, sensibilidade e confiança, esse olhar foi se transformando. Aos poucos, a escola passou a ser compreendida como lugar de reconhecimento, de construção de identidade e de desenvolvimento de sonhos.

Do ponto de vista do professor, acompanhar esse processo de transformação é uma das experiências mais significativas da prática docente. Em meio ao cansaço cotidiano, à sobrecarga de funções e à escassez de condições adequadas, é nos vínculos construídos com os estudantes que se encontra força para continuar. Ver um aluno descobrir seu potencial, ressignificar a escola e projetar-se na educação é um testemunho do valor que a docência ainda carrega, mesmo quando o contexto insiste em dizer o contrário.

Miguel Arroyo (2013) reforça que os professores não são apenas técnicos executores de políticas, mas sujeitos que "reinventam o cotidiano pedagógico" a partir de suas experiências, resistências e afetos. E é justamente nessa reinvenção que este relato se ancora: mesmo diante de condições materiais desfavoráveis, professores seguem criando brechas de cuidado e possibilidades de futuro. O que se vê, portanto, é a afirmação de uma docência que se (re)constrói no contato direto com os sujeitos da escola, num processo dialógico que produz transformação mútua.

3. Vivência compartilhada: entre afetos, resistências e formação

A experiência da equipe de robótica escolar é um dos exemplos que melhor ilustra essa construção conjunta entre estudantes e professores. Mais do que um projeto técnico, a robótica se tornou um espaço de pertencimento, criatividade e amadurecimento pessoal. Para o

estudante, participar da equipe significou desenvolver habilidades como liderança, trabalho em grupo, pensamento lógico e comunicação, mas, sobretudo, significou descobrir-se capaz.

Sob orientação de três docentes, a equipe foi acompanhada por diferentes estilos de cuidado e ensino: Emilly, com sua presença acolhedora e atenta; Gilvan, com firmeza tranquila e paciência cotidiana; e Carlos, que assumia funções administrativas e institucionais, mas fazia questão de reconhecer e valorizar os esforços do grupo, mesmo à distância. A combinação desses diferentes modos de orientar revelava, na prática, o quanto educar vai além da sala de aula tradicional.

Do lado do professor Carlos, a atuação na robótica foi também uma forma de exercer uma docência que ultrapassa barreiras. Mesmo não estando diretamente nas atividades técnicas, era possível sustentar o projeto por meio do apoio institucional, da mediação com a gestão e da escuta sensível às demandas da equipe. Essa atuação confirma que a docência se desdobra em múltiplas frentes, todas fundamentais para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Com o tempo, o estudante passou a observar com mais atenção o cotidiano de seus professores. Percebeu o esforço silencioso de quem prepara aulas à noite, corrige avaliações no fim de semana, enfrenta salas superlotadas e ainda assim encontra tempo para acolher. Essa constatação não provocou desencanto, pelo contrário, despertou admiração e desejo: o de também tornar-se professor. Um desejo que não nasce de idealizações românticas, mas da convivência com profissionais que, como aponta Arroyo (2013), reinventam a escola a partir de suas histórias, saberes e resistências cotidianas.

Na voz do professor, é importante destacar que esse tipo de retorno, ainda que raro, é profundamente mobilizador. Saber que um estudante se projeta na docência não por idealização, mas por reconhecimento do valor simbólico e real da profissão, é um sinal de que ainda há sentido no que fazemos, mesmo quando os indicadores externos insistem em negar nossa importância.

O estudante lembra com carinho de um professor de Matemática do 9º ano, cuja atuação foi decisiva para seu ingresso em um instituto federal. Ele não apenas ensinava conteúdos, mas também oferecia escuta, conselhos e motivação. Acreditava que a educação era, de fato, uma ferramenta de transformação social e fazia disso uma prática cotidiana.

Entretanto, ao compartilhar com pessoas próximas o desejo de ser professor, surgiram reações que escancararam o imaginário social que desvaloriza a profissão: “Você é tão inteligente, pode ser mais do que isso.” Essas falas, ainda que ditas com boas intenções, carregam a ideia de que a docência é um destino menor. Comentários como esse expõem o quanto a desvalorização não é apenas salarial ou estrutural, mas também simbólica.

Ambos os autores, professor e estudante, reconhecem que esse imaginário social precisa ser enfrentado. A docência não é uma profissão “menor”, mas a base que sustenta todas as demais. Questionar esse imaginário é um gesto político, que exige, como defende Freire (1996), “esperança crítica”, aquela que não nega as dificuldades, mas aposta na capacidade de transformação. A trajetória aqui relatada é, portanto, um convite à reflexão: por que insistimos em desmerecer aqueles que ensinam, mesmo sabendo que nenhum profissional existiria sem um professor?

O desejo de ser educador, no caso do estudante, é um ato de resistência. É um chamado que não ignora os desafios, mas que nasce da vivência concreta de ser transformado pelo gesto de quem educa com compromisso e afeto. Para o professor, é também um gesto de continuidade: reconhecer no outro a semente do que se planta todos os dias, mesmo em terrenos áridos.

4. O peso simbólico e material da desvalorização docente

Convivendo de perto com professores percebemos, pouco a pouco, que a sala de aula era apenas a superfície de uma realidade muito mais complexa. Por trás da lousa, dos conteúdos e das explicações, havia profissionais sobrecarregados, responsáveis por múltiplas turmas, submetidos a prazos apertados e a condições físicas e estruturais insuficientes para o exercício pleno da docência.

Conseguimos presenciar professores exaustos, chegando cedo e saindo tarde, muitas vezes sem tempo para uma refeição tranquila. Apesar do esforço constante, a remuneração que recebiam não correspondia à importância social de sua função. Mais grave ainda era a desvalorização simbólica que enfrentavam: formadores de todas as outras profissões, mas obrigados a recorrer a greves e mobilizações para ver reconhecidos direitos básicos.

Essa vivência faz compreender que a precarização docente não se restringe ao campo material, ela também é simbólica. Como afirma Saviani (2005), “a desvalorização do magistério é um dos maiores entraves à democratização da educação no Brasil”. Professores, embora sejam a base do sistema educacional, enfrentam diariamente baixos salários, falta de infraestrutura e desrespeito às suas condições de trabalho.

Dados da Fundação Carlos Chagas (2018) mostram que 78% dos professores da educação básica já pensaram em abandonar a profissão devido a fatores como remuneração insuficiente, infraestrutura precária e falta de reconhecimento. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2020) aponta que os docentes brasileiros estão entre os mais sobrecarregados da América Latina, com jornadas extensas e acúmulo de funções que ultrapassam o ato de ensinar, englobando tarefas administrativas, demandas emocionais e responsabilidades sociais.

Mesmo diante desse cenário adverso, muitos docentes seguem firmes, transformando a sala de aula em um espaço de acolhimento e resistência. Como observa Arroyo (2012), “os professores são sujeitos políticos que não se rendem, mesmo quando a escola é o primeiro lugar do abandono”. Esta é uma postura significativa: ver educadores atuando com paixão e compromisso, mesmo sob negligência institucional, despertou em mim uma profunda admiração.

Entendemos que ser professor não é uma escolha simples, é uma escolha poderosa. É resistir quando tudo convida ao abandono, é cuidar mesmo quando os recursos faltam, é lutar para que o conhecimento se transforme em liberdade. É, sobretudo, transformar vidas, apesar e para além das condições impostas.

As vivências narradas trazem implicações significativas. Ao evidenciar como professores, mesmo diante da precarização, inspiram trajetórias e despertam vocações, o relato reforça a necessidade de políticas públicas que reconheçam o valor simbólico e material da docência. Além disso, a experiência mostra que projetos educativos inovadores, como a robótica escolar, quando articulados ao cuidado pedagógico, podem se tornar espaços de resistência e transformação, apontando caminhos para novas práticas e pesquisas na área.

5. Considerações finais

A experiência vivida ao longo de uma trajetória escolar, especialmente na rede pública e em iniciativas como a equipe de robótica, é determinante para consolidar uma visão sobre a docência. Participar desses ambientes, orientado por profissionais comprometidos com a educação pública de qualidade, faz compreender que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos: envolve escuta, cuidado, incentivo e presença efetiva na vida dos estudantes.

Há um questionamento tão comum fora da escola, de que "ser professor não dá futuro" ou de que quem é "inteligente" deve escolher outra profissão. Essa perspectiva, enraizada em valores de mercado que mensuram o valor das pessoas pelo lucro que podem gerar, contribui para a desvalorização da educação e reforça a precarização que tantos docentes enfrentam. Em contrapartida, dentro da escola ainda conseguimos testemunhar o contrário: professores que, mesmo sobrecarregados, mal remunerados e sem infraestrutura adequada, permaneciam firmes, transformando vidas, acompanhando trajetórias e acreditando no potencial de cada aluno.

Essas vivências nos permitiram compreender que a precarização docente não é apenas material, mas também simbólica. Apesar disso, há uma força silenciosa na resistência desses profissionais, que, como lembra Paulo Freire, exercem um "compromisso" que vai além da função formal, tornando-se agentes de transformação social.

Há, no entanto, um paradoxo evidente: o enorme poder que a educação possui para transformar realidades contrasta com o abandono das políticas públicas. O discurso oficial coloca a educação como prioridade, mas a prática revela descaso, negligência e ações insuficientes para garantir condições dignas de trabalho. Nesse cenário, ser professor no Brasil de hoje é, inevitavelmente, um ato político.

6. Referências

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2013.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **Condições de trabalho e saúde docente na educação básica**: uma pesquisa nacional. Brasília: CNTE, 2021. Disponível em: https://www.cnte.org.br. Acesso em: 7 ago. 2025.

FCC – FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Profissão docente**: vocação, vocacionalismo e profissionalização. São Paulo: FCC, 2018. Disponível em: https://www.fcc.org.br. Acesso em: 7 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Education at a glance 2022**: OECD indicators. Paris: OECD Publishing, 2022. Disponível em: https://www.oecd.org. Acesso em: 7 ago. 2025.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Relatório mundial sobre salários 2020-2021**: salários e o impacto da COVID-19. Genebra: OIT, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org. Acesso em: 7 ago. 2025.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 16. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2009.